

**MODELO**

# **PRIMEIRA VERSÃO**

**MARIA STELLA BRESCIANI**

**CARLYLE:  
A REVOLUÇÃO FRANCESA  
E O ENGENDRAMENTO DOS  
TEMPOS MODERNOS**

**IFCH/UNICAMP**  
No. 11 - 1990

Primeira Versão é uma nova publicação do IFCH. Destina-se a abrigar aqueles trabalhos de circulação restrita, seja porque são parte de uma pesquisa em andamento, seja por estarem voltados para atividades didáticas, ou ainda, são 'papers' apresentados em reuniões fora do âmbito do Instituto.

Primeira Versão é, portanto, uma publicação predominantemente voltada para a circulação interna; mas, por isso mesmo, pode vir a preencher um papel importante na vida acadêmica e intelectual do IFCH.

Primeira Versão está aberta a todos os professores do Instituto. As propostas de publicação deverão respeitar o limite máximo de 50 páginas e sua tiragem será em torno de 70 exemplares. Os originais devem ser entregues no Setor de Publicações.

Comissão de Publicações

CARLYLE :  
A REVOLUÇÃO FRANCESA  
E O ENGENDRAMENTO  
DOS TEMPOS MODERNOS\*

Maria Stella Bresciani  
Deptº de História do IFCH

Neste artigo procuro responder a uma questão que surgiu no decorrer da leitura de alguns textos de Thomas Carlyle o que teria levado esse pensador, crítico da sociedade inglesa de sua época, a sair em busca de livros e de documentos que lhe permitissem escrever uma história da Revolução Francesa? Qual a razão que o teria feito abandonar por alguns anos a posição de leitor e tradutor entusiasta de grandes autores da cultura alemã (a poesia de Goethe em particular), de inglês preocupado com os problemas sociais e políticos desencadeados pelas condições de vida e de trabalho da classe operária de seu país nas décadas iniciais do século XIX e pelo pensamento utilitarista dos patrões e dos teóricos da economia política?

---

\* Este artigo foi apresentado em sua versão original "Carlyle: la Révolution Française et l'engendrement des Temps Modernes" no Congresso Internacional do Bicentenário da Revolução, realizado em Paris (França) em julho de 1989

De acordo com seus biógrafos, coube a John Stuart Mill convencê-lo da importância desse empreendimento. Creio, contudo, que a tradição política inglesa teve também seu peso, já que Carlyle dava continuidade ao interesse da classe letrada inglesa e das sociedades de artesãos frente aos acontecimentos da França, durante e após 1789. Na verdade, autores como Edmund Burke, Thomas Paine e Jeremy Bentham, e publicações como The Annual Register haviam acompanhado os acontecimentos franceses e registrado seu entusiasmo e suas apreensões. Apesar das avaliações divergentes, esses homens foram unânimes na avaliação de que uma revolução de consequências imprevisíveis havia explodido na Europa (1).

Essa tradição encontrava-se fortemente enraizada na vertente internacionalista do pensamento político europeu do século XVIII e não poupou esforços na intenção de manter sob o controle de sua avaliação os acontecimentos políticos do mundo. Mesmo porque, para além da postura teórica havia a finalidade prática de definir posições em meio a intrincada política europeia, na qual as alianças se alteravam em resposta aos interesses de momento. Ou seja, a chamada "política da Europa", entendida como administração dos interesses europeus, extrapolava em muito os limites do continente e interessava a todos (2).

Entretanto, a leitura de seus Early Essays, de Signs of the Times e do Chartism, escritos antes e após The French Revolution, a history, me levaram a

---

(1) Edmund Burke, Thomas Payne e Jeremy Bentham, tal como o The Annual Register, e a London Correspondence Society seguiram atentamente os acontecimentos revolucionários na França e registraram seus pontos de vista de acordo com sua posição política face a situação política da própria Inglaterra. Ver entre outros o trabalho clássico de E.P. Thompson: A Formação da Classe Operária Inglesa, vol 1, Col. Oficinas da História, Paz e Terra, 198

(2) Sobre o caráter mundial da política europeia são instrutivos os registros do The Annual Register, seção History of Europe, onde são anotados e comentados os acontecimentos europeus e outros que mesmo fora do continente lhes diga respeito

pensar que a intenção profunda de Carlyle ao escrever esta obra de quase mil páginas, foi a de demonstrar a validade de sua teoria da história. Afirimo isso com base na estrutura do livro e na importância atribuída por ele aos acontecimentos franceses para a Europa no período da primeira metade do século; me apoio igualmente no impacto causado pelo movimento operário inglês e pela situação política desse país agitado na época por lutas pela extensão das franquias eleitorais e pela liberdade de imprensa, pelos problemas relativos às leis sobre a pobreza, pelo reaparecimento da peste (cólera) nas cidades mais populosas do continente e pela denúncia das terríveis condições de existência da classe operária.

Gostaria de acompanhar o percurso de Carlyle procurando mostrar que o autor desejava sensibilizar os ingleses, e talvez o mundo inteiro, em relação aos incriáveis desafios que representava para a cultura européia e para a sociedade civilizada, a emergência dos homens pobres na cena política reivindicando pela primeira vez o direito à cidadania plena. O pensamento liberal inglês e o pensamento das Luzes na França consideravam o homem pobre, alguém destituído das qualidades para ascender à plena cidadania em virtude de não possuir nenhuma propriedade além de seu corpo e de sua capacidade de trabalho; um ser incapaz de raciocínio e sem direito à participação da gerência dos negócios públicos<sup>(3)</sup>.

---

(3) Utilizamos para este artigo os seguintes textos de Carlyle: The French Revolution, a history (1837) na sua tradução francesa (Paris, Gerner Baillière, 1867, 3 vol) para a qual remetemos as citações; Signs of the Times (1829) e Chartism (1840) da coletânea Thomas Carlyle, selected Writings, Penguin, 1980; On History (1830) editado pela primeira vez no Frazer's Magazine n. 10, retomado para este artigo da coletânea Thomas Carlyle - Critical and Miscellaneous Essays: collected and republished, vol. 2, p. 378-393, Londres, James Frazer, 1940; e Hero and Hero-Worship (1841) na tradução francesa Les héros, le culte des héros, et l'héroïque dans l'histoire, Paris, Armand Colin, 1888, da qual são as citações

Na verdade, se pensarmos nos acontecimentos dos anos revolucionários na França e nos movimentos operários ingleses que nos anos 1830 alcançaram a magnitude de um movimento como o cartismo, não podemos deixar de concordar com Carlyle quando ele afirma que uma era completamente nova havia surgido bem na frente dos olhos das pessoas ricas, sem que elas tivessem se dado conta do seu potencial revolucionário, cegos que estavam com seu apego aos preconceitos tradicionais

Além disso, The French Revolution, a history, desconcerta por sua modernidade. Na leitura feita por Carlyle na década de 1830 dos acontecimentos transcorridos nos anos de 1780 na França há um tom surpreendentemente moderno. Em suas teses principais reconhecemos a opinião de outros autores contemporâneos dele; reconhecemos também posições teóricas de analistas políticos e historiadores do século XX. A força de suas observações é perceptível tanto em escritos de pensadores conservadores como naqueles de homens conhecidos por suas posições radicais, e até revolucionárias. Esta ambivalência de sua influência sobre outros autores põe nuances na afirmação corrente sobre Carlyle, na qual ele é apontado como um dos fundadores do conservadorismo político na Inglaterra do século XIX, sem confirmar por completo as afirmações de certos militantes que lhe imputam ter suavizado o materialismo do Independant Labour Party dos anos 1890<sup>(4)</sup>

Esta imagem contrastada de Carlyle e a presença de pressupostos por ele defendidos, encontrados em escritos tão diferentes entre si, como os de Marx e de alguns marxistas, ou os das principais tendências da historiografia contemporânea, como os Annales, apontam em minha opinião e no momento em que o século XX aproxima-se do fim, para a persistência do pensamento romântico<sup>(5)</sup>

As críticas formuladas pelos pensadores românticos estabelecem uma ligação ou uma equivalência entre as más condições de vida dos operários e a ânsia de lucro

---

(4) Ver a biografia de Carlyle no The Dictionary of National Biography, Brown-Cheloner, Oxford University Press, 1973, vol 3, p 1.020 e na The Encyclopedia of Philosophy, vol 1, p 23

dos padrões. Atingem sobretudo o cerne da sociedade moderna: o elogio do trabalho, os objetivos utilitaristas estendidos a todas as atividades humanas, o desenvolvimento desenfreado do comércio e das empresas fabris, bem como das suas atividades produtivas, transformadas em regras exclusivas da conduta social. Para eles, as considerações burguesas sobre a qualidade de vida e sobre os produtos das atividades humanas baseavam-se em meras considerações quantitativas; a busca da felicidade vinculada às riquezas dos homens e das nações fazia da economia política o único pressuposto válido para os negócios particulares e para os assuntos públicos<sup>(6)</sup>

Defendendo este ponto de vista, Carlyle e outros pensadores críticos da sociedade inglesa do século XIX situam-se no centro de um debate acirrado que desde o século XVIII agita os países de cultura protestante. "O amor ao trabalho" levado ao limite pelos apologistas do bom emprego do tempo, encontrou em A. Tocqueville um observador agudo. Em suas palavras, "uma transformação de tamanha proporção na relação das pessoas com o tempo, com o dinheiro e com o trabalho, não poderia acontecer sem afetar profundamente a esfera pública". Tocqueville aproxima-se de Carlyle ao afirmar "o fim das grandes e poderosas emoções públicas" em proveito "do círculo dos pequenos interesses domésticos, a sujeição aos negócios mesquinhos e ao amor à propriedade, tão ansiosa, ardente e cuidadosamente pregado pela burguesia" (7)

---

(5) Ver Michaël Löwy. "The Romantic and the Marxist critique of Modern Civilization" em Theory and Society, 16, 1987; Eloise M. Behnken Thomas Carlyle: Calvinist without the theology. Univ. Missouri Press, Columbia e Londres, 1978. Jonathan Mendilow The Romantic Tradition in British Political Thought

(6) Esta idéia está mais desenvolvida em meu artigo "Metropolis: as faces do monstro urbano As cidades no século XIX". Revista Brasileira de História, nos 8/9, Anpuh-Marco Zero, 1985

(7) Ver J. J. Courtine e C. Haroche L'histoire du visage XVIème siècle début XIXème. Rivages Histoire, 1988, 2ª parte: "L'homme sans passions"

Esses intelectuais lançaram os pressupostos básicos de uma tradição crítica da sociedade burguesa que, sem se contrapor expressamente ao lado "progressista" da civilização industrial, colocaram um certo número de restrições à um utilitarismo sem freios.

Tomemos agora sua teoria da história. "Tudo cresce e morre, cada qual de acordo com suas próprias e maravilhosas leis, de maneira própria e maravilhosa..." Sua idéia de maravilhoso pode ser também traduzida por surpreendente, já que para ele, sob a cena ruidosa das conquistas bárbaras de Átila, das Cruzadas e das guerras, desenrola-se um outro movimento silencioso de muito maior durabilidade com o trabalho do campo que intercala o verde e o amarelo das colheitas, com as mãos do artesão e a cabeça dos homens de pensamento. Esse movimento silencioso, para o qual "a pobre História" permanece indiferente, pode enfim surpreendê-la e fazê-la perguntar: De onde ele veio?" Assim, história para ele se confunde também com o historiador que só se apercebe desse fazer em silêncio quando ele passa a preponderar e derrota aquilo que se enfraqueceu. Silêncio que também se confunde com movimento em profundidade, invisível para aqueles que julgam a saúde do corpo pela aparência da pessoa, ou avaliam "a saúde das Igrejas, dos Reinados e das Instituições Sociais" pelas vitórias da guerra e da política. E no sentido dessa teoria da história, a Revolução Francesa configura uma história (a history do título) que pode ser enunciada pelos temas de cada um dos três volumes que a compõe: A Bastilha, a Constituição e A Guilhotina. Neles, todo o movimento de encerramento de uma época pode ser narrado nos seus diversos níveis ruidosos e silenciosos (8)

Desse eixo central, desdobram-se dois complementares: de um lado, ele afirma a multiplicidade e a simultaneidade dos acontecimentos, noções que retomam e detalham a concepção de movimento, já que nessa multiplicidade só uma parte é visível. Os verdadeiros fun-

---

(8) Histoire de la Révolution Française, cap 1, livro 2, 1º vol



damentos sociais de cada época são formados pelos personagens anônimos da vida cotidiana, escondida sob o mundo da política. O outro eixo complementar avança e detalha a noção de simultaneidade dos acontecimentos afirmando que cada um deles só assume seu sentido maior no interior do movimento histórico quando remetido à totalidade(9).

Este conjunto de proposições decorrem no seu entender da disposição natural, inatada em cada um de nós, para a história. Dessa maneira, trata-se da herança da condição humana, a linguagem que em si constitui "um discurso verdadeiramente histórico". Segundo ele, contudo, essa disposição é limitada se considerarmos que a observação e o raciocínio se fazem sucessivamente, enquanto os acontecimentos são simultâneos e diferentes. Daí decorre ser a história infinita. Acresce a isso, serem os homens diferentes uns dos outros: uns artistas, outros artesãos. Dessa diferença, Carlyle retira um dos argumentos mais poderosos para elaborar em Signs of the Times a crítica violenta que faz ao pensamento utilitarista e à preponderância da lógica ("esse moinho das idéias") na sociedade inglesa. Para ele, o homem havia perdido ou estava prestes a perder a dimensão interna e essencial de seu pensamento, reduzindo-o a uma ferramenta que lhe permitisse atingir fins bastante restritos. A perda da dimensão interna e contemplativa fazia do homem um verdadeiro autômato, incapaz de criatividade, enclausurado na sua condição de artesão, de produtor de objetos já dados(10).

As consequências dessa limitação do pensamento moderno atingiam de forma profunda as já limitadas e naturais disposições humanas para o conhecimento histórico: o raciocínio reduzido à cadeia de causas e efeitos tornava impossível avaliar os acontecimentos de maior envergadura que teriam repercussões futuras. A primazia adquirida pela lógica era responsável por uma

---

(9) On History, p. 380

(10) Signs of the Times, ps. 68-70

outra consequência no campo do conhecimento histórico: a narrativa, agora totalmente linear, se mostrava incapaz de dar conta do movimento da ação, dado o caráter sólido desta<sup>(11)</sup>.

Em meio a esta distância entre os acontecimentos e nossa percepção emergia um domínio pouco analisado e apenas entrevisto: aquele das condições de vida, dos objetivos conscientes ou não da humanidade. Assim, o fato mesmo que "os homens não são simples máquinas de comer" permanecia escondido para o saber histórico. Desse conjunto de limitações naturais e de limitações específicas da época decorriam consequências trágicas para a sociedade, já que a filosofia, obrigada a colher seus materiais no Free Emporium da história, via-se condenada à pobreza do raciocínio lógico. Incapazes de preencher seus papéis de orientadoras dos espíritos, a história e a filosofia tornavam-se, o que era pior ainda, perniciosas em razão de seus pontos de vista superficiais. A esta cadeia de simulacros, acrescenta enfim o desprezo das pessoas ricas e letradas face aos assuntos humanos mais fundamentais<sup>(12)</sup>.

Para Carlyle, o desprezo ou a cegueira das pessoas tornavam-nas incapazes de compreenderem o movimento da história. As modificações profundas desse movimento permaneciam invisíveis aos que desconheciam seus sinais reveladores. Consequentemente, a nova era nasceria da dissolução dos antigos elementos que tornavam-se caos (caracterizado pela ausência de ordem e de regras) organizando-se depois de acordo com uma ordem nova. Era nesse sentido que toda a narrativa histórica, que se limitasse ao simples registro da política e das guerras, via-se reduzida a uma aproximação muito superficial do movimento histórico. Não devemos esquecer, dizia Carlyle, que longe do Senado, dos campos de batalha e das antecâmaras reais, "a força poderosa do Pensamento e da Ação continuam em seu caminho" <sup>(13)</sup>.

---

(11) On History, p 385

(12) idem, p 380

(13) idem, p 388

Dessa maneira, no que concerne a afirmação sobre os diferentes níveis dos acontecimentos, Carlyle defende uma posição que ainda em nossos dias representa um dos pontos centrais da pesquisa histórica. Por outro lado, seu argumento mantém-se prisioneiro das teses do liberalismo inglês: para ele a sociedade se constitui de um agregado de todos os indivíduos que a compõem e a história se forma a partir de todas essas inúmeras biografias. Sua concepção do todo histórico afirma a existência primeira das partes e desse modo sua concepção de totalidade difere daquela postulada pela teoria organicista do século XIX, para a qual a totalidade não só preexiste às partes, mas é também sua condição de possibilidade. Em momento algum; ele afirma um poder formativo do Estado; este é somente um dos itens das regras de convivência social, civilizada, definidas pelos indivíduos enquanto cidadãos.

Sobre este ponto discordamos da maioria dos que o criticam como um dos precursores do pensamento totalitário, pois inexiste em seu pensamento uma concepção científicista da sociedade como um todo orgânico. Creio até que esses críticos se deixaram iludir pela pesada retórica de seus textos ornados com metáforas tomadas da natureza. Parece-me entretanto, que até sua teoria da história parte de seu pensamento que mais se prestou a essa crítica e a importância que atribui aos heróis enquanto guias dos homens em períodos de crise, (a dissolução da sociedade atingindo o caos), em nada se assemelha a um vínculo orgânico ligando os homens em sociedade à semelhança dos órgãos do corpo vivo. Os reis-heróis - Cromwell e Napoleão - materializam um centro gravitacional para as partículas humanas espalhadas pelo nada da dissolução social. Eles não têm traço algum de genialidade, e em particular Napoleão, para quem Carlyle não disfarça o desprezo que vota à mão armada como solução. O mérito de Napoleão, segundo ele, fora o de ter empunhado uma espada e indicado alguma ordem à situação caótica após a antropofagia jacobina (14).

---

(14) Hist. Rev. Franc., p 417, vol 3

Do meu ponto de vista, Carlyle partilhava o sonho liberal de uma sociedade formada por homens moralizados e racionais, aptos a propor e a respeitar as regras fundadoras da vida em sociedade. Ideal incompatível com a concepção totalitária que confere ao Estado, enquanto cabeça pensante da sociedade (e agora a metáfora não é mera figura de retórica), a tarefa de estruturar a sociedade para os homens. Este ideal levou-o mesmo a criticar as leis e as constituições políticas descoladas das tradições e dos costumes de uma sociedade. Segundo ele, "a constituição, isto é, a coleção de leis ou de procedimentos, aceita pelos homens como regras de convivência, é aquela que reflete suas convicções, sua fé no que diz respeito a esse maravilhoso universo, seus direitos, seus deveres e suas capacidades..."(15)

Aos trabalhos da Assembléia Nacional Francesa, "com seus intermináveis debates e sua Declaração dos Direitos do Homem", ele debita o erro de haver redigido uma "verdadeira base de papel", "castelos de cartas", "uma quimera segundo os evangelhos de Jean-Jacques"(16) Base de papel que desconhecia uma "outra constituição que se preparava... os vinte e cinco milhões de seres descarnados, com seus rostos emaciados, suas roupas de lã, precipitando-se após séculos de indiferença, dirigindo-se às classes altas bem penteadas com uma voz semelhante aos ruídos das florestas e colocando-lhes a seguinte questão: como nos trataram vocês? como nos instruíram, alimentaram, guiaram durante esse tempo em que trabalhamos por vocês?(17)

Para Carlyle, as constituições eram como os muros das casas onde os homens viviam, construídas para defender suas vidas e seus bens e é constante em seus trabalhos a importância que confere às invenções, às tradições e aos costumes da vida quotidiana e isto o aproxima muito dos historiadores atuais. Inúmeras ve-

---

(15) idem, p 282, vol 1

(16) idem, p 284, vol 1

(17) idem, p 296, vol 1

zes ele afirma ser a vida subterrânea e silenciosa das pessoas anônimas "marinheiros, pedreiros, metalurgistas, filósofos, alquimistas, profetas e a longa fila de artesãos e artistas esquecidos" a verdadeira base da sociedade. Essas afirmações remetem à sua tese sobre o movimento da história e com elas podemos aquilatar a importância estratégica por ele atribuída às multidões, enquanto elemento condutor dos acontecimentos da Revolução Francesa.

Em vários momentos do texto ele afirma que os trabalhadores, ou seja "as pessoas que contribuem diariamente para a edificação da sociedade", haviam renunciado a espera silenciosa do reconhecimento que mereciam. Reunidos em milhões, eles haviam se transformado nas multidões, a verdadeira face dos tempos modernos. Não tendo outra finalidade para além da satisfação de suas necessidades naturais, a multidão assumia a imagem de uma força cega; "A Revolução Francesa significa a rebelião declarada e violenta; a vitória da anarquia desbragada sobre a autoridade corrompida e gasta. A revolução mostra como a anarquia destrói sua prisão e se lança das profundidades infinitas desencadeando suas tempestades" (18)

Que espetáculo ver as mulheres encabeçando a multidão dos pobres! Que espetáculo ver a pobreza ocupar as ruas de Paris! Que incrível mudança quando os homens políticos foram obrigados a resolver os problemas do preço do pão, do açúcar, do sabão..., em suma, de tudo o que estava essencialmente ligado às necessidades naturais, à sobrevivência da espécie. Ao elaborar uma teoria explicativa da radical mudança de sentido na trajetória da revolução como resultado da pressão das multidões sobre as pessoas letradas, Carlyle se antecipa aos pensadores que nas décadas finais do século XIX formularam uma psicologia das multi-

---

(18) idem, p. 276, vol. 1

dões<sup>(19)</sup>. O caráter explosivo, a inconsciência dos fatos políticos, a busca de resposta para suas necessidades biológicas, o efeito rápido das palavras de ordem - "Liberté, Egalité" - e a sedução dos espíritos pelas imagens fáceis são características da multidão anotadas por Carlyle, que a partir delas constrói uma teoria das multidões, decisiva para sua explicação dos acontecimentos franceses e do seu duplo inglês, o caratismo<sup>(20)</sup>.

Para Carlyle, as multidões não mais pediam somente pão como das outras vezes; agora elas queriam ver reconhecido seu direito à cidadania; e era exatamente com essa exigência que a época moderna surgia se sobrepondo aos escombros de uma era e de seu sistema social desgastado. "Há um século e meio, a canalha não se aventura a mostrar à luz do dia sua fisionomia imensa e rude é uma maravilha e uma novidade...". dizia Carlyle referindo-se aos Estados Gerais de 1614 e às jornadas revolucionárias de 1789. São "vinte milhões de almas, até então rebanho crédulo e submisso, sujeito a tosa determinada pela vontade de outros, e que agora se levanta, também ela com suas esperanças". Carlyle usa neste contexto a palavra esperança para estabelecer uma correlação com a outra era da esperança, a dos filósofos, também chamada por ele de era do papel, momento das aspirações teóricas divorciadas das necessidades efetivas do país e traduzidas nos tratados políticos e nas atividades da Assembléia Consti-

---

(19) Sobre os teóricos das multidões ver o artigo deste mesmo número da R.B.H. de Dominique Cochart "As multidões e a Comuna. Análise dos primeiros escritos de psicologia das multidões" originalmente publicado pelas Recherches de Psychologie Sociale, vol 4, 1982, e Joap Van Ginneken Crowds, Psychology and Politics 1871-1899, Pre-publication, Amsterdam, 1989

(20) Antes dele, Edmund Burke em sua Reflexões sobre a Revolução Francesa, Ed. Univ Brasília, e o cronista do The Annual Register (ambos escrevendo no ano 1791, para citar dois autores que conhecemos, estabeleceram a relação entre o jacobinismo e as multidões de pobres sem chegarem a definir uma teoria das multidões

tuinte francesa. é um outro recurso de que lança mão para mostrar a cegueira das cabeças pensantes, incapazes de perceberem esperanças de um tipo diferente das suas e, no entanto, muito poderosas. E até na ação o procedimento da multidão em nada se assemelhava aos debates legislativos. Ao suspender sua mudez, a multidão "lançava panfletos, hurlava inarticulada frente ao universo"(21)

Da imposição desta novidade, Carlyle explica o sucesso do radicalismo jacobino do Terror e de suas palavras de ordem. Retomando os relatos ingleses da década de 1790, ele vai além do simples registro da perplexidade, da anotação de uma anomalia na sequência normal da política, e faz das multidões, ainda que politicamente inconsciente, o sujeito da história. Ele chega a culpar os ingleses seus contemporâneos de reiterarem o erro de avaliação, mantendo-se fiéis a visão apaziguadora dos acontecimentos da França julgando-os tão revolucionários quanto uma doença forte, porém passageira. Tal como os franceses, a classe rica britânica permanecia cega frente ao engendramento dessa nova era(22) A cada vez que indica em seus escritos a cegueira das classes ricas perante a densidade múltipla dos acontecimentos históricos, Carlyle remete-a também a uma espécie de surdez. São cegos para o movimento silencioso da poderosa força da vida quotidiana. A noção de surdez alia-se à de cegueira para modelar sua representação do tempo histórico, colocada de forma poética na seguinte frase: "Our clock strikes when there is a change from hour to hour; but no hammer in the horloge of time peals through the universe when there is a change from Era to Era"(23) Deve-se, portanto, a uma noção convencional e superficial do tempo, aliada a força dos preconceitos, a incapacidade da maioria dos homens de pensamento para a percepção das coisas imprevistas

---

(21) Hist. Rev. Franc. p 149 e 151, vol. 1.

(22) Les héros, le culte des héros, et l'héroïque dans l'histoire, p. 316

(23) On History, p. 384.

Esta concepção de um tempo múltiplo - um convencional, o tempo cronológico que transcorre inevitavelmente, sem se deter perante os acontecimentos; o outro, o tempo da história, carregado de significações - mistura-se na sua concepção dos níveis diferentes da história, deslocando-se simultaneamente em direções diferentes. E é nesse contexto teórico que sua crítica da Era do papel e do Contrato Social segundo Rousseau atinge seu significado mais profundo: ele traduz enfaticamente seu ceticismo em relação às teorias de governo quando divorciadas do movimento da história. Ele condena a Era da esperança por sua indulgência universal, pela crença no triunfo da análise e na cura das deformidades; ele a condena por não saber olhar e ver no "fundo do quadro os vinte e cinco milhões de negros selvagens que contemplavam, na fome e no cansaço, seu ecce-signum com quarenta pés de altura (a força)"(24).

O argumento da cegueira-surdez prossegue no contraste que estabelece entre a França "uma terra que se considera mui-cristã" com suas catedrais e seus padres, e a voz do pobre (ele também francês) que "durante longos anos se alçou inarticulada na forma de jacqueries, de motins por causa da farinha..."(25). Este contraste reforça sua idéia de uma era de papel ou da esperança, com sua inconsciência tranquila e irresponsável perante "as guerras que se escutam ao longe e se assemelham a alegres marchas militares" sem que alguém lhes preste atenção, sem que ninguém volte seus olhos "ao sombrio caos da ignorância e da miséria vivas, que está mesmo aos seus pés, com a força de vinte e cinco milhões de almas" prestes a "começar sua serenata"(26)

é ainda a questão da distância relacionada à cegueira dos ricos que persiste em seu argumento. A força da imagem de processos com direções diferentes, onde a distância física entre Paris e Versalhes no iní-

---

(24) Hist. Rev. Franç., p 69, vol 1

(25) idem ibidem

(26) idem, p 63, vol 1



cio dos anos revolucionários, tem uma importância efetiva. O rei, seus ministros e a corte, o governo propondo soluções fictícias para os problemas reais, enquanto Paris, a verdadeira face da França da época, movia-se na lama na qual havia sido lançada há muito tempo. A noção de distância assume sua significação mais ampla, quando Carlyle sublinha o entusiasmo dos homens de letras e das pessoas ricas perante a democracia que do outro lado do Atlântico, surgira como a aurora de uma nova era. Fora com admiração e com simpatia que a França, bastante longe da América, aplaudira no conforto de seus salões, os direitos do homem e a vitória da democracia<sup>(27)</sup>

A tese da distância dos aristocratas e dos filósofos, com suas pretensões de governar os negócios da França, frente ao movimento silencioso das multidões ocupa na sua História da Revolução Francesa um lugar de destaque, seja em relação ao rei e sua corte, seja em relação à Assembléia Nacional. O rei e sua corte, desejosos de preservar seu modo de vida mostravam-se incapazes de escutar o ruído de milhares de miseráveis movimentando-se em suas moradias miseráveis. A Assembléia contava salvar a nação às custas de uma boa constituição, a despeito de ter seus trabalhos interrompidos constantemente pelas exigências da multidão. Os líderes jacobinos haviam sido os únicos a buscar respostas para as assustadoras multidões em movimento, e mesmo assim, até se destruírem mutuamente

Carlyle já havia sublinhado esta distância perigosa em seu ensaio Sign of the Times (1829); ele a retomou em um ensaio mais longo, Chartism (1840) colando a imagem das multidões da Revolução Francesa àquela das multidões submetidas à indústria inglesa. Com ela, elabora a representação paradigmática dos tempos modernos. Ao considerar o governo e os proprietários ingleses (the ruling classes) cegos perante o avanço do movimento operário, Carlyle se colocou o desafio de

---

(27) idem, p. 57, vol. 1.

advertir a Inglaterra para não seguir o exemplo da França, sob o risco de destruir sua própria sociedade. Em Chartism, Carlyle expõe longamente sua última tese sobre a Revolução Francesa: a revolta das classes baixas oprimidas contra as classes altas opressoras expressando a dimensão mundial e de longa duração desse "enorme fenômeno"; expressando também o caráter radical do fim de um sistema social envelhecido e o começo imponderável de uma nova era de desafios desconhecidos. Em suma, enquanto as pessoas voltavam suas cabeças na direção das idéias que flutuavam no ar, a terra havia parido os tempos modernos.

## FICHA TÉCNICA

### Comissão de Publicações:

Daniel J. Hogan

Denise Bottmann

Sidney Chalhoub

### Publicações:

Mada Penteado

Marilza A. Silva

Aguinaldo R. Dias

### Gráfica:

Sebastião Rovaris

Marcos Josué Pereira

Adilson Coimbra

### IFCH/UNICAMP

CP 6110 - 13081 - Campinas - SP

Tel.: (0192) 39.1140 / 39.3327

Telex (019) 1150 - Telefax (0192) 39.4717

IMPRESSO  
GRÁFICA IFCH

